

“Mau” ladrão ou “São” Gestas? – breve nota hagiográfica

Jean Lauand

Escrevo esta nota como introdução a uma outra (escrita por um erudito colega, originalmente para o site da Igreja de São Dimas: www.saodimas.org), que recolho ao final desta apresentação.

Quando a Igreja nos propõe um santo, está pedagogicamente nos ensinando algum aspecto que vale a pena destacar na vida daquele homem (ou daquela mulher), de modo que ele possa nos servir de intercessor, exemplo, esperança e estímulo em nossa vida, que deve - em correspondência à graça -, tender à imitação de Cristo. Como as circunstâncias da vida humana são inúmeras, muitos são os santos e está carregada de sabedoria a expressão espanhola - usada para indicar que não temos nada contra uma pessoa, mas que não “sintonizamos” com ela - “*no es santo de mi devoción*”.

Na verdade, as devoções autênticas não são (não devem ser) muitas: da imensa maioria dos bem-aventurados, temos uns poucos que são de nossa devoção: por alguma afinidade, simpatia, circunstâncias pessoais etc. (nesse sentido é muito sugestiva a expressão popular brasileira, usada para dizer que não simpatizamos, não nos damos bem com uma pessoa: “meu santo não combina com o dele”).

Seja como for, há alguns santos que têm apelo universal: Nossa Senhora e São José, numa ordem superior; e outros, com uma enorme simpatia como São Francisco de Assis.

O apelo de São Dimas, a vigorosa mensagem de sua “canonização” pelo próprio Jesus Cristo, é a de que ninguém está perdido: no “jogo” da salvação, **sempre** é possível a “virada”: a vitória da misericórdia e da graça de Deus numa vida, mesmo aparentemente derrotada, mas que acaba por se converter, enquanto o fariseu, cheio de moralismos e auto-proclamando-se o intérprete e fiscal de Deus junto à sociedade, é rejeitado (Lc 18, 10-14).

Sempre de novo é bom lembrar Mt 21, 31: “Os publicanos e as prostitutas vos precederão no reino de Deus”. Não sabemos quem é trigo e quem é joio; na verdade, enquanto *viatores*, todos somos ambos... E, como no genial poema de

Adélia Prado, a fila da comunhão tem o patético aspecto de um desfile dos degedados filhos de Eva..., que vamos cantando:

*Senhor eu não sou digno
que neste peito entreis,*

ou, como outro dia na minha paróquia:

*Senhor, Tu me olhaste nos olhos
A sorrir, pronunciaste meu nome*

Canto eucarístico

Na fila da comunhão percebo à minha frente uma velha,
a mulher que há muitos anos crucificou minha vida,
por causa de quem meu marido se ajoelhou em soluços diante de mim:

“juro pelo Magnificat que ela me tentou até eu cair,
peço perdão, por alma de meu pai morto,
pelo Santíssimo Sacramento, foi só aquela vez, aquela vez só”.

Coisas atroztes aconteceram.

Até tia Cininha, que morava longe,
deu de aparecer na volta do dia.

Conversávamos a portas fechadas,
ela com um ar no rosto que eu ainda não vira,
zangando pouco com o menino, deixando ele reinar.

Houve punhos fechados, observações científicas,
sobre a rapidez com que a brilhantina desaparecia do vidro,
sobre como pode um homem, num só dia,

trocar duas camisas limpas.

Irritação, impertinência,

uma juventude amaldiçoada tomando conta de tudo,
uma alegria - que chamei assim à falta de outro nome -
invadindo nossa casa com a sofreguidão das coisas do diabo.

Rezei de modo terrível.

O perdão tinha espasmos de cobra malferida
e não queria perdoar,

era proparoxítono, um perdão grifado,
que se avisava perdão.

“Olha, filha, aquela mulher que vai ali
não é digna do nosso cumprimento.”

“Porque, mãe, não é dí-gui-na?”

“Quando você crescer, entenderá.”

Senhor eu não sou digno

que neste peito entreis,

mas vós, ó Deus benigno,

as faltas suprireis.

Na fila da comunhão cantamos, ambas.

A mulher velha e eu.

(Adélia Prado *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 197):

Desta mesma fila, cortejo dos miseráveis, é que sairão, pela graça de Deus, os santos da Igreja triunfante; e tantos outros que, como Dimas (e Gestas...?), desfilavam não no templo, mas em antros de iniquidade.

Triunfo da graça e da misericórdia de Deus, em nós, pobres homens, para quem a canonização de um santo pode ser, em algum caso, como no de Dimas, simplesmente um recado de esperança.

Essa mensagem de esperança teologal é – em nível de mera conjectura – ainda mais acentuada no caso de Gestas, como mostra a sugestiva nota a seguir.

As palavras de São Dimas e o silêncio do “Mau Ladrão”

PGG

É sempre consolador relembrar a súplica dirigida a Cristo pelo antigo malfeitor crucificado, o santo que hoje veneramos como Dimas. “Jesus, lembra-te de mim quando estiveres no teu reino”. Esta singela oração recebe do Senhor a consoladora promessa: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc, 23, 42-43). Dimas teve o privilégio de morrer ao lado do Redentor e sob o olhar de Maria, *Gratia Plena*: não lhe podia faltar nesse momento a graça divina, que afinal o tocou e o salvou. Desde então o chamado “Bom Ladrão” se tornou um dos santos mais queridos do povo cristão.

O que é menos lembrado é que, antes de fazer aquela prece, Dimas se dirigiu a seu antigo companheiro de crimes, que insultava o Senhor Crucificado. “Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que nossas ações mereciam, mas Ele nada praticou de condenável” (Lc. 23, 40-41).

Merecem meditação estas palavras. Tocado pela graça, Dimas pratica, naquele momento final, um ato de caridade fraterna. Antes de pedir a Jesus que se lembrasse dele, ele próprio se lembra do irmão, que sofria, inconformado e descrente. Dimas oferece a Gestas (assim se costuma chamar o “Mau Ladrão”) a caridade da correção ensinada pelo Senhor: “Se teu irmão se portar mal, repreende-o e, se ele se arrepender, perdoa-lhe” (Lc. 17, 3). Neste instante o “Bom Ladrão” terá sido para o infeliz companheiro o instrumento da ação da graça. Afinal, era também pelo “Mau Ladrão” que ali morria o Redentor; era também sob o olhar compadecido de Maria que Gestas padecia o suplício. E a força da graça, por meio das palavras de Dimas, pode ter tocado também seu coração cheio de amargura. Se voltarmos ao Evangelho, leremos que o “Mau Ladrão” insultava o

Senhor antes de ouvir a exortação de Dimas. Não lemos que continuasse a insultá-lo, depois de advertido pelo companheiro. Parece, portanto, que podemos entrever aqui o início de uma conversão. Calando-se, tocado pela correção fraterna, Gestas há de ter manifestado o início de seu arrependimento e de sua conversão, obra da graça merecida pelo Redentor que padecia a seu lado.

Sabemos ainda que os dois companheiros crucificados morreram algum tempo depois de Jesus (cf. Jo, 19, 32). Esta pode ter sido outra circunstância providencial: Gestas presenciou também os prodígios que se seguiram à morte de Cristo e que mudaram o coração de tantos. Foi então que se converteram o centurião romano e muitos dos que antes haviam insultado o Messias Crucificado, e que agora batiam no peito (cf. Lc., 23, 35 e 23, 48). Estes prodígios terão sido para o “Mau Ladrão” o que foi o toque das chagas do Senhor para a dúvida de Tomé: a confirmação da obra da graça, que Deus quis que viesse a Gestas pela caridade fraterna das palavras de São Dimas.

Se assim foi, os antigos companheiros de crime se tornaram para sempre companheiros no Paraíso e testemunhas do perdão de Cristo. E se no “Bom Ladrão” nos consola reconhecer o pecador que expressa arrependimento, no “Mau Ladrão” reconheceremos, não menos consolados, o pecador cujo arrependimento fica no silêncio do coração, desconhecido dos homens, mas conhecido por Deus. Se assim foi (e a Deus nada é impossível), teremos novo motivo para louvar e invocar nosso padroeiro. Que o querido São Dimas, que falou ao infeliz companheiro e zelou por sua conversão, fale agora ao coração daqueles que chegam ao fim inconformados e cheios de descrença e os prepare para acolher, em silêncio, a graça da conversão e da misericórdia.